Revista Espaço Acadêmico - Nº 134 - Julho de 2012 - Mensal
ANO XII - ISSN 1519-6186

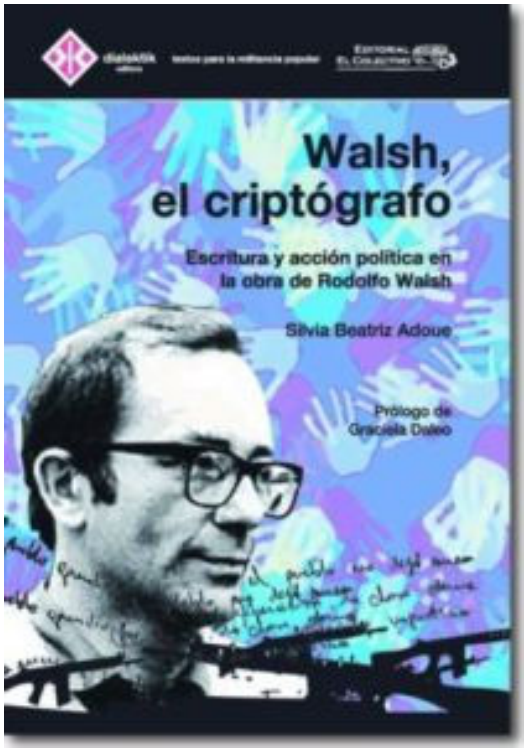
resenha

ADOUE, Silvia Beatriz. **Walsh – El criptógrafo**. Buenos Aires: Dialektk Editora; El Colectivo, 2011.

Operação Walsh

FREDERICO DAIA FIRMIANO*

O fim da primeira metade do século XX na Argentina são anos de intensa efervescência política. Perón, que havia sido eleito pela primeira vez em 1946, conseguiu condensar por alguns anos uma expressiva expansão capitalista, no quadro do pós-guerra, com ganhos substantivos ao trabalho e ao trabalhador, acomodando as contradições internas do capital e, em larga medida, o conflito burguês. Assim, sob o peronismo puderam se desenvolver importantes organizações e movimentos populares e de trabalhadores. Mas no início dos idos de 1950, as contradições se acirram. Abatido por uma intensa crise econômica, que combinou a insustentabilidade do sistema distributivista perante a capacidade produtiva do País e um contexto internacional de recuperação norte-americana e disputa pelos mercados europeus em reconstrução, onde a Argentina havia ingressado com a exportação de carnes e grãos, Perón é derrubado em 1955. Tem inicio a "Revolução Libertadora". No ano seguinte, uma tentativa militar fracassada para a recondução de Perón ao governo e um saldo de 31 mortos, entre civis e militares, fuzilados por ordem do Estado. Em 1957, o peronismo se torna ilegal e se converte, ao mesmo tempo, em uma poderosa força de resistência.



Este período, e os eventos que o compõem, impacta decisivamente a literatura argentina. Mas o livro de Silvia Beatriz Adoue vai além desta constatação óbvia. Mostra como, sob determinadas condições históricas e diante de certos acontecimentos, o indivíduo é tocado e passa, então, a intervir na história.

O *putsch* cívico-militar de 9 de junho, liderado pelos generais Valle y Tanco, como tentativa desesperada (o adjetivo é por nossa conta) para recolar Perón no governo do qual havia sido deposto no

ano anterior por um golpe militar vai transformar substantivamente a literatura de um homem de família irlandesa, simpático à "Revolução Libertadora" e fiel ao enigma à inglesa, que encontra referências em Borges, Conan e Doyle, mas também em Arlt.

É Rodolfo Walsh que, quando se depara com os assassinatos promovidos pelo Estado naquela fatídica noite de junho de 1956, passa a desconfiar do governo que, até então, apoiara. No primeiro capítulo de seu livro, "Walsh, el criptógrafo: escritura y acción política en la obra de Rodolfo Walsh", publicado no final do ano passado na Argentina, Silvia Adoue analisa as modificações na obra deste que é um dos mais importantes nomes da literatura argentina, quando o autor deixa o modelo do enigma policial e vai ao encontro de formas literárias com maior capacidade de representar a história, descobrindo o "testemunho".

Silvia Adoue nos mostra como a quebra da confiança no Estado pode, em certas condições, criar um ambiente propício para a ação questionadora, contestadora. É assim que Walsh dá início a sua investigação jornalística e, em 1961, escreve sua última ficção.

O segundo capítulo é dedicado à obra investigativa do autor. Aqui, o objeto de sua preocupação são as complexas relações entre escrita, investigação e atividade política. A autora se debruça sobre sua trilogia de investigação: Operación Massacre, Caso Satanowsky e ¿Quién mató a Rosiendo?.

Se no primeiro capítulo, a autora aponta o peso da história sobre o indivíduo, agora o que ganha centralidade é o modo como o indivíduo a reelabora e atua sobre ela. Ela o faz refletindo o aparecimento da literatura testemunhal na obra de Walsh: "la literatura testimonial surge de la necesidad literária o extraliteraria de tratar de encontrar las formas adecuadas para narrar la violencia y nos remite siempre al cruzamiento entre literatura e historia, o entre literatura y política" (Adoue, 2011, p. 47).

Fica claro que, para Adoue, na contemporaneidade, a violência é uma mediação estruturante das relações sociais, como espoliação e exploração do trabalho e do trabalhador e - é aqui onde recai sua atenção maior – como interdição ou interrupção do desenvolvimento das potencialidades humanas.

É desse embate que emergem aspectos da concepção de literatura que Adoue extrai de Walsh. É o lugar onde a literatura pode atuar. A narrativa para o militante argentino é, pois, um campo de batalha. Esta não é só a chave para pensar a literatura de testemunho daquela época, como diz Adoue. É a chave para pensar a intervenção do sujeito na história através das formas de consciência artística. Na América Latina, a narrativa é a forma por excelência de dar sentido à história das classes subalternas. É como se apropriam da história.

Isso deve explicar o porquê da narrativa de Walsh não ser dada a heróis: "... hay sólo hombres y mujeres que se atreven, en mayor o menor medida, a un pequeño gesto" (Adoue, 2011, p. 56).

A trilogia investigativa de Walsh é dedicada à violência do Estado. Adoue explica: a violência do Estado ocupa muito da literatura argentina. E a chave para compreensão das três obras analisadas é a relação entre poder, saber e verdade. Em sua obra mais famosa, "Operación Masacre", "la destruccion del discurso hegemônico, por la presentación de las 'evidencias', es un

esfuerzo para construir una 'verdad' que es, también, una verdad partidaria" e que só se constitui no processo de sua formulação, "...pero actúa en un 'terreno común' de narrativas" (Adoue, 2011, p. 80).

No terceiro capítulo, Silvia Adoue se concentra nos contos do autor, sua parte "mais literária": aqui, diz ela, reside alguma tensão entre a autoria, a militância e o lugar do intelectual. (Adoue, 2011, p. 19). São os efeitos da Revolução Cubana sobre o intelectual e o militante. Walsh vai à Cuba compor o grupo que cuida da *Prensa Latina*. Lá atua como criptógrafo, atividade decisiva em para a literatura que produz: "leer con lentitud para recoger lãs señales es la capacidad que Walsh cultivará para alimentar su oficio de criptógrafo. Es la cualidad que atraviesa su trilogía de investigación y su trabajo periodístico" (Adoue, 2011, p. 31). Ele tem rigor de investigador, reúne provas, testa hipóteses, recolhe testemunhos. E sua concepção de militância inclui a escrita, mesmo num contexto de predominância do foquismo, da guerrilha. (Adoue, 2011, p. 83).

Depois de 1969 Walsh deixa de publicar literatura, mas não de escrever. Para Adoue, este se torna um espaço de experimentação e reflexão sobre procedimentos de escrita e representação da história e da ação política. (Adoue, 2011, p. 86). Mas como narrar a violência? A questão que a autora se impõe é difícil. Mas a criptografa, como a chamou Graciela Daleo, quem escreve o belo prólogo do livro, dá pistas: Walsh constrói personagens comuns que participam de uma "épica possível". Para ele, a literatura é também uma forma de intervenção política. E não só das classes dominantes, mas também das classes subalternas. Por isso, seus personagens não são nem vítimas da violência do Estado, nem "heróis" das classes populares. São "sujeitos astutos", que lançam mão dos recursos que têm para intervir na história. (Adoue, 2011, p. 100-102). Reside aí o fato de Walsh, desaparecido em 1977, não ser vítima e nem herói da última ditadura militar argentina, na narrativa de Adoue, mas sujeito da história da qual participa.

Em alguma medida, isto também explica o fato de a literatura de Walsh se mesclar à realidade e esta última entranhar sua narrativa de tal modo que suas fronteiras se esvaem. Não raro sua literatura, mais tarde, foi questionada como fato real. É que Walsh tinha consciência do "... vigor de la literatura y su eficiência para 'restituir' un sentido negado..." (Adoue, 2011, p. 109).

A opção pela forma testemunhal é a busca pela humanidade da "vítima". Walsh ouve aqueles que não estão organizados politicamente, os converte em sujeitos. E Adoue deixa a lição: nas "zonas de silêncio" é preciso ouvir.

O general Juan José Valle, condenado a morte e fuzilado em 10 de junho de 1956, pela organização, junto com o general Tanco, da ação que saiu derrotada, que objetivou reconduzir Juan Domingo Perón a presidência da República, deixou cinco cartas para sua família e para o general Aramburu, responsável pelo golpe contra Perón e por assumir seu posto, na sequencia. Sua família as fez circular e seu impacto foi grande. Como diz Adoue, havia um peso de verdade, já que escritas pouco antes de morrer, afinal, para que mentir naquele momento? (Adoue, 2011, p. 112).

Walsh pode perceber o efeito social produzido por essas cartas, por isso, segundo a hipótese de Silvia Adoue, foi

inspirado a escrever suas cartas pessoais, particularmente, a "Carta a Vicky", a "Carta a mis amigos" e a "Carta a la Junta Militar".

No quarto e último capítulo de seu livro, Silvia Adoue se debruça sobre as cartas pessoais de Walsh. Elas contêm conteúdos diferentes. Do relato traumático que retira a condição de mediador do autor, entre o sobrevivente e o leitor, colocando-o na condição do próprio sobrevivente, ao escrever sobre a morte de sua filha Vicky, assassinada pela ditadura à análise do primeiro ano da ditadura, de 1976, passando pela reflexão sobre o movimento de lutas do qual participou, os Montoneros, e os problemas candentes da organização política de seu tempo. As cartas, diz Adoue, são uma opção política, a forma adequada de comunicar com as massas num momento de defensiva e em que estas não reconhecem direção política. E "...son también el lugar posible para la voz del sujeto subalterno" (Adoue, 2011, p. 123).

Como diz Adoue, "para Walsh la escritura es un espacio de reflexión, registro e preparación para la acción política. Pero, ella es, también, acción política" (Adoue, 2011, p. 130). Este é o sentido profundo de sua literatura militante, a de Walsh e a de Adoue.

* **FREDERICO DAIA FIRMIANO** *é* doutorando em Sociologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara - FCLar/Unesp. Professor Assistente da Fundação de Ensino Superior de Passos/Universidade do Estado de Minas Gerais-Fesp/Uemg. Bolsista CAPES. É autor de*A formação cultural dos jovens do MST: a experiência do assentamento Mário Lago, em Ribeirão Preto (SP)*, 2009, pela Cultura Acadêmica.